JOSÉ HÉLIO FERNANDES COMEMORA OS

55 anos da NTC&Logística

Por Karen Feldman Cohen

De acordo com José Hélio Fernandes, presidente da NTC&Logística, nenhuma entidade alcança 55 anos de existência se não estiver cumprindo com seus objetivos. E ele diz isso com a propriedade de quem, nos últimos 40 anos, vivenciou de perto os grandes acontecimentos que marcaram o setor de transporte rodoviário de cargas.

Logo que assumiu a presidência da entidade, em 2014, José Hélio viu a crise econômica devastar o Brasil. Logo depois veio o impeachment, algo sempre traumático. Em seguida veio a reforma trabalhista, o Marco Regulatório e a difícil problemática do roubo de cargas que se agravou, principalmente no Rio de Janeiro. E para arrematar essa sucessão de acontecimentos, todos eles de graves consequências, veio a greve dos caminhoneiros, algo sem precedentes.

Mesmo com tantas oscilações e perspectivas não tão boas assim, a NTC esteve sempre na vanguarda defendendo os interesses do transportador. Como bem diz a música preferida de José Hélio, "(...) penso que cumprir a vida seja simplesmente compreender a marcha e ir tocando em frente (...)". Isto a NTC vem fazendo com maestria – "tocando a vida" (o setor) de forma extremamente competente.

Como a recuperação tarifária se tornou uma bandeira esse ano e de sua gestão de forma geral?

Recuperação tarifária sempre foi uma das bandeiras da minha gestão. O que aconteceu foi que eu tomei posse em 2014 e nós já entramos imediatamente numa crise econômica sem precedentes e que veio com desdobramentos: impeachment, crise política, toda essa crise ética de tanta corrupção. Tudo isso criou um ambiente absolutamente desfavorável – excesso de caminhão no mercado, falta de carga para transportar. Então, na verdade, não é que houve um propósito de adiar. Não houve condições de tratar desse assunto.

2018 começou com uma perspectiva boa, mas não será da forma que a gente esperava. Em fevereiro, no CONET de Natal, eu coloquei esse assunto de novo para o plenário e foi aprovado que deveria ser uma bandeira do setor. Uma bandeira que tem começo e meio, mas não tem fim. O começo foi quando se tomou a decisão (CONET). Meio é a avaliação de tudo isso de forma permanente – o que está sendo feito? está melhorando? Exatamente não ter fim porque não é um assunto que vai lá, cumpriu e ok. É para ser algo recorrente, permanente, de vigilância do setor, de trocar ideias, avaliações, para que realmente possa acontecer, já que o setor precisa muito.

Greve dos caminhoneiros. Qual é a visão da NTC sobre o que aconteceu e como as empresas foram afetadas.

A "Greve dos Caminhoneiros" foi convocada pelas entidades representativas dos caminhoneiros. Isto aconteceu em um contexto propício: excesso de oferta de caminhão e política da Petrobras de reajustes praticamente diários de combustível, que acabou paralisando o país.

A acusação de que as empresas estariam por trás da greve foi fruto da má condução da negociação por parte do governo. O movimento se espalhou pelo Brasil e surgiram lideranças em tudo quanto foi lugar. Quem estava em Brasília negociava e quem estava no bloqueio não aceitava. Com essa dificuldade, acabou surgindo essa acusação de que o movimento era dos empresários. Coisa que nunca aconteceu. O empresário nunca organizou, participou, apoiou esse movimento e as empresas foram duramente atingidas. Praticamente durante um terço do mês, dez a doze dias, as empresas ficaram paradas sem faturar e os compromissos continuaram vencendo. Folha de salário, tributos, fornecedores, nada disso entrou em greve.

O movimento gerou graves consequência e mostrou a importância do setor, mas também a responsabilidade que tem perante a sociedade.

Como uma das reivindicações para finalizar a greve, os caminhoneiros exigiram do governo um tabelamento do frete que hoje, com o piso mínimo de frete, é uma realidade. Como a NTC está vendo isso e como está sendo implementado?

No início, quando os autônomos iniciaram a greve, o piso mínimo de frete nem estava na pauta.

A tabela, ou piso mínimo de frete, já estava sendo tratada no Congresso. Já tinham até votado um projeto de lei na Câmara que estava no Senado em andamento. Quando o movimento ganhou aquela proporção, levaram isso também para a mesa de negociação, querendo que viesse por meio de medida provisória. O que acabou acontecendo, porque diante da situação, o governo concordou e instituiu o piso mínimo de frete.

A MP virou lei e o mercado tem uma dificuldade muito grande para lidar com isso. Nosso setor sempre foi absolutamente livre e um setor muito complexo para fazer uma tabela, um piso mínimo. Principalmente aquele que saiu equivocado, tanto é que estão fazendo as devidas correções.

Não dá para discutir se a lei é boa ou ruim; ela está aí e deve ser cumprida. O que se pode fazer, e está sendo feito, são as correções e adequações. A ANTT contratou a Fundação Getúlio Vargas para trabalhar nisso e só deve sair em janeiro (2019), agora, muito melhor elaborada. Não é uma coisa simples elaborar piso mínimo de frete dada à quantidade de segmentos que tem dentro do setor, cada um com sua particularidade.

Esperamos que venham pisos adequados para cada segmento para que o mercado possa se ajustar.

Como está a questão do Marco Regulatório?

O Marco Regulatório, aquele que foi discutido por dois anos e meio, foi aprovado na Câmara, na comissão especial que foi criada com esse objetivo. Evidentemente que houve muita discussão entre todos os segmentos envolvidos. Aquele relatório, não sei se é bom ou ruim. Vai mexer com todo mundo, mas foi aprovado na Câmara e agora está no Senado. Então, tem que ser votado no Senado, para depois ser sancionado.

A liberação irrestrita da terceirização da atividade-fim foi uma vitória para o setor e para a economia brasileira de forma geral. Qual é a importância disso e como isso vai ajudar o setor a sair da crise?

O importante é trazer segurança jurídica para o setor, que é grande usuário da terceirização. Já havia uma discussão muito grande no aspecto de vínculo, inclusive no Supremo Tribunal Federal. É uma vitória muito grande e importante nesse aspecto, já que ninguém vai trabalhar com dúvida; nem o caminhoneiro nem quem o contrata.

O que podemos ressaltar desses 55 anos da atuação da NTC, principalmente dos últimos cinco anos?

Penso que nenhuma entidade alcança 55 anos de existência ativa, trabalhando, se não estiver cumprindo com seus objetivos. Este é o primeiro ponto importante. Eu acho que a NTC sempre teve na sua gestão pessoas absolutamente conhecedoras do setor, comprometidas com o objetivo, com os associados.

O tempo passa muito rápido. Eu lembro que na gestão do Geraldo (Vianna), eu como vice-presidente, recebi a incumbência de organizar a comemoração dos 40 anos da NTC. E agora já são 55 anos.

O segredo da NTC é que ela se atualiza constantemente, está sempre na vanguarda. As coisas vão acontecendo e ela vai acompanhando, participando, sendo sempre protagonista de todos esses eventos, assuntos, projetos, que é de interesse do setor.

Nesses últimos anos houve uma sucessão de acontecimentos, exigindo um trabalho gigantesco, não só do presidente da NTC, mas de todo o setor, de toda a diretoria, federações e sindicatos. O setor tem trabalhado muito em todas as frentes, superando as adversidades e demonstrando maturidade.

Quais foram as principais contribuições de sua gestão à frente da NTC até aqui?

Procuramos atuar no Congresso dentro daquilo que imaginamos ser correto, no sentido de defender o setor da melhor maneira possível.

Uma bandeira que tem que ser perseguida, sempre, é a recuperação tarifária. E permeando esse tema vem uma outra coisa muito importante: gestão, que inclusive faz parte do meu slogan “Atitude e Gestão”.

Se as empresas forem bem administradas, significa que esse empresário terá conhecimento suficiente para

“Nenhuma entidade alcança 55 anos de existência se não estiver cumprindo com seus objetivos”

precificar corretamente o serviço que presta. Porque hoje o que a gente vê muito é a falta de condição do empresário de entender o custo do serviço que presta, na condição de remunerar seu serviço, sua empresa. Então isso é fundamental.

Tempos atrás, mais especificamente em 2014, eu entrevistei o senhor para a revista Brasil Transportes Jovens Empresários. Na ocasião, o senhor mencionou a música "Tocando em Frente", de Almir Sater, como sendo a sua preferida, um hino. Hoje, se estivesse que escolher uma música para sua atuação no TRC, seria a mesma? Por quê?

Essa continua sendo minha música preferida. Fala da vida de forma muito realista. Por isso passei a considerar como hino, acho muito bonita.

Recentemente ouvi um pastor falando sobre ela. Ele fazia uma interpretação verso a verso, frase a frase da música. E eu achei aquilo de uma profundidade impressionante. Uma análise muito correta e muito verdadeira do que realmente pode significar aquela música. E aí, então, eu fiquei gostando mais. Eu adoro.

Na entrevista de 2014, o senhor apontou como sendo seu maior defeito a teimosia, ser cabeça dura. Algo mudou?

Eu acho que isso não muda. É difícil mudar. Eu posso ter a minha convicção, mas gosto muito de ouvir. Se eu tiver que mudar de opinião, não vejo nenhum problema nisso. Gosto que as pessoas me convençam. O caminho é esse, essa é a solução que você quer. Não vejo problema em mudar de opinião. Mas realmente tem que me convencer, demonstrar que tem uma solução melhor.

Em suas andanças pelo mundo, qual lugar ainda gostaria de visitar? Por quê?

Tem muitos. Mas tem dois lugares que eu gostaria e ainda vou conhecer: Grécia, pela história, por ser o berço daqueles filósofos, matemáticos, e a Turquia. Uma questão histórica mesmo.

Outro lugar que quero conhecer, até por motivos religiosos, é Israel. Aquela região ali deve ser muito interessante.

O que faz seu olho brilhar?

Tanta coisa. Isso depende muito do momento, porque a gente vive sob emoções. Minha base, meu porto seguro, é a minha família, meu trabalho. E quando eu digo trabalho é sob todos os aspectos: na empresa, na entidade. Os amigos também mexem com os sentimentos. É muito bom encontrá-los. Também gosto muito de pescar.

Para onde as estradas vão te levar nos próximos anos?

Acho que para a casa (risos). O ano que vem já é meu último ano de mandato na NTC e aí eu terei cumprido meus seis anos aqui. Com os erros e acertos que tiverem que acontecer, ou já aconteceram, com o senso do dever cumprido. Ir para a minha empresa, trabalhar, fazer o que tem que ser feito.

Mas manter contato com as pessoas, até porque se eu for verificar acho que 90% dos meus amigos estão no círculo do transporte. Eu vivo isso há 40 anos. E nessas andanças a gente conhece muita gente; obviamente, você não vai se isolar de tudo isso. Mas aí já em uma outra condição, num outro patamar. Isso é o que eu espero.